

## ✦ O Brasileiro

Profa. Mariana Correia Mourente Miguel

Mestranda em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira), UFRJ

“Variação dialetal de pronúncia, (...) são variações da mesma língua ou são diversas línguas? A mim não incomoda nada, (...) dizer que são línguas diferentes (...) Não percebo esse tipo de formulação como uma negação da unidade nacional, uma vez que a entidade nação se fundamenta em conceitos pertinentes a um módulo diverso do fonológico.” (Miriam Lemle)

Identidade?

Muito se fala, em especial nos meios de comunicação de massa, sobre o povo brasileiro. Suas qualidades, seu sofrimento, suas mazelas... Mas algo fundamental ainda não foi feito de forma satisfatória: definir povo brasileiro. Será que nascer no território que consta nos mapas como pertencendo à República Federativa do Brasil, localizada na parte centro-oeste da América do Sul, é suficiente para se receber o título de integrante do povo brasileiro? Então, devemos ter cuidado: os colégios americanos há algum tempo ensinam que a Amazônia e o Pantanal são territórios internacionais, ou seja, que o Brasil não possui mais jurisdição sobre essas áreas do que possui sobre o Oceano Índico ou Pacífico.

Então, que dizer sobre tal entidade tão famosa e tão comentada, sobre a qual todos parecem ter opiniões já prontas e bem definidas? Será que realmente existe?

Parece que sim. Em qualquer país estrangeiro, um brasileiro é reconhecido nas ruas, mesmo que não seja dos “patriotas” que carregam nossa bandeira por toda a parte. Pois, se vamos admitir que um certo grupo de pessoas que vive em um país autônomo política e economicamente—ao menos em teoria—se diferencia de todos os outros grupos a ponto de não se misturar com eles facilmente, então teremos de definir porque eles formam um grupo e o que o faz tão coeso. Para isso, contaremos com o auxílio do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto, obra que faz parte do conjunto de textos chamado de “Literatura brasileira” e que descreve os momentos iniciais da nossa república.

A Guerra

Um dos modos pelos quais poderíamos distinguir o povo brasileiro dos demais é a guerra, não por acaso presente no livro escolhido de forma significativa, chegando a ser o assunto principal da sua última parte. Pode parecer estranho querer distinguir um povo de outro através de uma análise de seu histórico bélico, principalmente em uma época em que todas as forças estão voltadas para a obtenção e a manutenção da paz mundial. Porém, essa idéia não deve ser tomada como uma apologia à violência, mas sim como uma tentativa de se utilizar dos elementos de um dado romance e, acima de tudo, da realidade, para atingir o objetivo desejado: descobrir em que se fundamenta a identidade cultural brasileira.

Essa iniciativa se fundamenta em uma idéia muito simples: se dois grupos chegam a se enfrentar em um combate aberto, então esses grupos devem possuir diferenças irreconciliáveis que os diferenciam um do outro e que os une entre si. Através do cotejo das demandas e ideais de um e de outro grupo, se poderá estabelecer as semelhanças, e sobretudo as diferenças, que existem entre os inimigos e reconhecer sua individualização. Por essa teoria, grupos sociais justapostos no mesmo espaço geográfico, como é o caso de bascos e espanhóis, católicos e protestantes irlandeses, além de várias tribos africanas colonizadas pelos europeus, seriam devidamente reconhecidos como os povos

autônomos que realmente são.

Embora sirva para os casos citados, tal hipótese não ajudaria os brasileiros a achar sua identidade. Apesar de contar em seu “currículo” com várias guerras e até uma participação na Segunda Guerra Mundial—que na verdade era mais européia do que nossa, podendo-se dizer do Brasil que não conta com uma guerra causada pela vontade do povo de defender seus interesses através da agressão a seus opressores. Até mesmo a nossa Independência foi proclamada “de cima para baixo”, como costumam dizer os historiadores: foi promulgada pela classe dominante em defesa de seus próprios interesses, e não fruto de um desejo popular de se libertar da metrópole, que existia, mas não resultou no já mencionado desligamento entre as duas partes. É válido relembrar que o domínio econômico por países europeus (Portugal, mas sobretudo Inglaterra) ainda perdura até os dias atuais, tendo deslocado-se para a única superpotência americana no último século.

Pode-se argumentar que vivenciamos a Rebelião de Canudos, há menos de um século e meio atrás. Porém, esse confronto, que contou com o apoio de muitas pessoas daquela região, não conseguiu mobilizar a seu favor toda a população brasileira. Muitos chegaram inclusive a condenar o empreendimento levado a cabo pelos sertanejos e apoiar a reação violenta do governo para exterminar o foco de rebelião, em parte devido à dificuldade de se manter verdadeiramente informado sobre a situação e à pressão exercida pelos meios de comunicação de massa.

Se tal alternativa não se mostra muito produtiva no caso particular que estamos analisando, passemos a outro critério que pareça mais frutífero.

## A Terra

A guerra, que não nos levou a alcançar uma definição coerente e consistente para o que vem a ser “povo brasileiro”, pelo menos nos levou a conhecer nossos limites físicos, nossas fronteiras políticas, que têm se mantido estáveis há muito mais tempo do que as dos países europeus, embora estes às vezes tentem assumir uma postura de “guardiães do mundo”.

O fato de ocuparmos o mesmo espaço físico há tanto tempo poderia ter influído na construção de nossa sociedade de forma profunda a ponto de mudá-la e moldá-la, tal como certas tribos indígenas alicerçaram sua estrutura no rio Amazonas e na floresta que o cerca. Mas será que esse (imenso) pedaço de terra que ocupamos e que foi conquistado através das mortes de centenas de pessoas, algumas das quais totalmente ignorantes do que acontecia a seu redor, será suficiente para nos caracterizar de forma inconfundível, como sentimos que temos de ser ao ir, mesmo que por um breve período de tempo, a um lugar qualquer que não seja abarcado pela definição de brasilidade?

É difícil afirmar que sim. Que paisagem poderia representar de forma justa e exata o Brasil? A floresta amazônica? As cidades de arquitetura inegavelmente européia do sul do país? As praias? O sertão? A caatinga? O cerrado? A serra do mar? As fazendas, produtivas ou não? As indústrias e usinas? Os engenhos ainda movidos a tração animal e a mão-de-obra infantil? A planície costeira enfeitada para turista ver? O alto do morro, antigo espaço público tomado à população?

Impossível decidir-se por apenas uma paisagem e negar a todas as outras, citadas ou não, o direito de representar o povo que nelas vive. Se optarmos por uma paisagem qualquer, estaremos sempre excluindo da definição de brasileiro uma parte do nosso povo, que vive em um ambiente ligeira ou totalmente diverso.

Vemos então que o solo que serve como base para nossa sociedade é impedido por uma particularidade de ser o símbolo dela. Nem seria o caso de citar a falta de uma característica comum a todas as suas partes, que lhes permitiria serem identificadas como parte do Brasil, mesmo que fossem tomadas em separado de outros itens que pudessem ser relevantes para tal identificação. Essa incapacidade advém de uma causa mais profunda: o solo não influiu nem influi na sociedade que abriga de forma expressiva para justificar tal posição. O massapê pode ter influenciado na escolha da cana-de-açúcar como a cultura que se estabeleceria no nordeste do Brasil, assim como a terra roxa permitiu o

cultivo do café em larga escala no sudeste algum tempo mais tarde, mas não poderemos nunca afirmar, com respaldo na realidade, que ele determinou que a sociedade que subsistia dessas culturas fosse patriarcal e oligárquica.

Além disso, a visão que boa parte do povo brasileiro tem da terra que habita, já que mais de metade da população vive nas grandes cidades do sudeste, é falsa. A terra brasileira, que muitas vezes vemos ser tratada como hospitaleira e fecunda, desde a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei português, na verdade passou por um processo de idealização ao longo dos anos, que deixou de lado as saúvas e a fadiga da terra causada pela sua utilização irracional e pelas queimadas. É esse processo que, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, vemos ser desconstruído por Lima Barreto, na segunda parte de seu livro, através da tentativa do protagonista de se estabelecer como proprietário rural, valendo-se da riqueza e fertilidade da nossa terra. Sua vontade de erradicar a fome do país, apenas plantando espécies brasileiras e sem utilizar qualquer tipo de aditivo ou defensivo, é rudemente tolhida por toda uma série de fatores naturais, agravados pela politicagem praticada (também) longe dos grandes centros.

Talvez esse processo, ao mascarar a verdade e, conseqüentemente, aumentar a desilusão de quem a descobre, tenha contribuído para afastar os brasileiros da terra, fazendo-os sentirem-se seduzidos por falsas promessas e voltarem-se para as cidades, em busca de melhores condições de vida.

Esse êxodo rural aprofundou a desigualdade social que sempre existiu na sociedade brasileira, desde a implantação das capitânicas hereditárias. Beatriz Resende, que obteve seu título de doutorado defendendo tese sobre a obra de Lima Barreto, em seu texto “A Representação do Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto”, menciona uma exposição que visitou e três fotos que chamaram sua atenção, por colocar lado a lado o centro da cidade, reformado para se assemelhar aos grandes centros europeus, e a periferia, para onde foram despachados os pobres que ali residiam.

No nosso entender, a desigualdade social e os contrastes que dela resultam não podem, sozinhos, representar nosso país. Não se trata de tentar esconder os aspectos negativos do nosso país, como sugeriu certo ministro, logo exonerado, mas sim de distinguir incontestavelmente os brasileiros dos outros povos. Quantos outros países enfrentam o mesmo problema? Com certeza diversos, desde que a Revolução Industrial desalojou os camponeses britânicos e os empurrou para as fábricas insalubres, mostrando ao resto do mundo que a exploração do proletariado pela burguesia não seria freada pelos governos.

É inegável que a desigualdade social possui uma presença marcante na paisagem de nossas cidades, mas essa presença também caracteriza outras grandes cidades ao redor do mundo. Talvez a atitude diante dessas mudanças possa individualizar o brasileiro, mas isso é tema para uma outra seção. Assim, vemos mais um item ser levantado e em seguida descartado, por não se mostrar capaz de provar a existência da identidade cultural e justificá-la plenamente. Mas ainda há outros ingredientes nessa mistura que somos que podem nos explicar o porquê do resultado que obtivemos.

## A Língua

Apesar de ter sido gerada em outro país e até mesmo em outro continente, por outra sociedade bastante diversa da nossa, e, tal como os coqueiros vindos da Índia que hoje são o símbolo das praias brasileiras, transplantada para o Brasil pelos colonizadores, a Língua Portuguesa adquiriu aqui características tais que muitos estudiosos defendem a tese de que o Português do Brasil há tempos merece ser tratado como uma língua separada do Português europeu. Alguns, como Miriam Lemle, chegam a defender uma idéia ainda mais radical: a de que os dialetos regionais e sociais são línguas diferentes, já que certas pessoas só conhecem uma forma, a coloquial ou a culta, a utilizada no sul ou no norte, e assim por diante.

Podemos nós, portanto, considerar a língua, ou as línguas, que falamos, que interpõem-se a todas as manifestações culturais e intelectuais, como o elemento unificador do povo brasileiro, e suporte da noção de identidade cultural?

Pelo que se sabe, não. O principal entrave que impede a apresentação da língua como fator determinante da unidade cultural que alegamos existir no início do presente trabalho não é a inumerável quantidade de dialetos distintos que existem no território brasileiro, nem o fato de grande parte da população, incluindo pessoas de nível superior, não ter consciência de sua existência. O empecilho que se apresenta é a heterogeneidade de comportamentos em relação ao uso da língua portuguesa.

Em um extremo encontramos o “ufanismo tupiniquim”, corporificado na figura de Policarpo Quaresma, que quer impor o tupi como língua nacional, ou, como ele vê, recolocá-lo na posição que sempre mereceu e que foi usurpada por invasores “bárbaros”. Mais recentemente, podemos citar como exemplo deputados brasileiros como o senhor Aldo Rebelo, que enviou à câmara um projeto de lei restringindo o uso de palavras de origem estrangeira. No outro extremo, encontramos a xenofilia exacerbada, exemplificada pelo comportamento de certas classes que exageram no emprego de expressões estrangeiras desnecessárias, como *sale*, *black-out*, *feeling* e *money*, que poderiam ser tranquilamente ser substituídas por *liquidação*, *apagão*, *intuição* e *dinheiro*.

Se a língua não se revelou o fundamento da unidade cultural brasileira e ainda tornou mais difícil mostrar o que há de semelhante entre todos os brasileiros, é necessário então partir em busca de outros elementos presentes em nossa sociedade e analisar seus respectivos papéis na sua formação e manutenção.

## A Origem

Durante um certo período, a mestiçagem—notemos que a palavra que designa a mistura de raças é formada por um sufixo com valor pejorativo, e foi substituída, hoje, nos tempos do politicamente correto, por *miscigenação*, ligeiramente mais neutra—foi considerada um empecilho à formação de uma identidade brasileira. Alguns pensadores europeus, e seus discípulos brasileiros, chegaram a afirmar que a população brasileira desapareceria em pouco tempo, pois não era saudável e contava com uma notável, no entender deles excessiva, contribuição africana (cf. Bosi, 1999).

Como podemos facilmente observar hoje, mais de um século após tal “profecia” ter sido feita, ela não se realizou, nem há sinais de que isto vá acontecer a curto ou médio prazo. Mas tais teorias são uma grande contribuição européia à nossa tentativa de definir a identidade brasileira, pois chamaram a atenção dos nossos pensadores para a questão do cruzamento inter-racial. Ele pode ter impedido a construção de um imaginário republicano, quando da sua proclamação e estabilização, como afirma o pesquisador Alfredo Bosi, mas com certeza não impediu a construção de uma nação razoavelmente unida, sem movimentos separatistas extremados e nenhum bem-sucedido. A tentativa da região sul do país de estabelecer uma república independente pode ser caracterizada como esporádica e isolada, já que o movimento não teve continuidade com a mesma intensidade e devotamento.

Apesar do preconceito racial aqui não ser mais exacerbado, como nos Estados Unidos da América, berço da Ku-Klux-Klan, ou como nos tempos da escravidão e nos que se seguiram imediatamente à sua abolição, não há como fundar o conceito de identidade cultural com base na *miscigenação*.

O que queremos colocar em discussão é a questão da fusão entre as diversas culturas trazidas pelos imigrantes das mais diferentes partes do mundo que escolheram o Brasil como destino. Até que ponto ela realmente acontece? O que vemos em “O Cortiço”, romance que aborda um assunto que não foi o centro das atenções de “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, é justamente o que se quer discutir nesta seção.

No livro de Aluísio Azevedo que citamos, há um casal de portugueses recém-chegados de sua terra natal que durante um período de tempo bastante longo consegue manter intactas suas tradições, tanto no que se refere à comida e aos hábitos de higiene quanto no que se refere ao modo de se relacionar e de se comportar—que serão abordados em uma outra seção mais adiante. Eles não são absorvidos de imediato pela comunidade de brasileiros que divide aquele espaço com eles, contrariando o mito surpreendentemente comum de que brancos e negros vieram ao Brasil e simplesmente se misturaram

com os indígenas, dando origem à população brasileira. O que se pode ver ainda hoje é uma separação entre os diversos grupos através de sua origem, com maior concentração de brancos no sul, de negros na Bahia e de indígenas no norte. Até mesmo dentro de uma mesma cidade, os grupos sociais não se fundem da forma que alguns alegam, embora também não haja o apartheid declarado que chegou a existir na África do Sul. Podemos ver essa separação geográfica com mais força em São Paulo e na região sul, onde existem comunidades de italianos, chineses, alemães e outros imigrantes que fazem os brasileiros se sentirem em território estrangeiro sem terem saído de seu país natal.

Após termos discutido o papel da guerra, da terra, da língua e da origem e sua possível utilização como base para um sistema que analise e explique a unidade cultural brasileira, e termos concluído pela sua inadequação, passaremos agora para o exame de um quinto item.

### A Atitude

Muitos historiadores, ao tentarem justificar a posição que o Brasil ocupa quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que é uma das piores do mundo, afirmam que a nossa atual situação socioeconômica é fruto do tipo de colonização que tivemos, bastante diferente do tipo de colonização que foi praticado na América do Norte. Segundo essas pessoas, caso tivéssemos sido colonizados por famílias expulsas de suas terras por disputas políticas e religiosas como o norte dos Estados Unidos da América, ou por criminosos condenados ao degredo como a Austrália, hoje nós faríamos parte do Primeiro Mundo e não enfrentaríamos problemas como fome, desemprego, analfabetismo ou violência, entre outros. Esse grupo, de tendência notoriamente xenófila, deve ter se sentido extremamente feliz ao ler o livro “Traficantes, naufragos e degredados”, do escritor Eduardo Bueno, lançado durante a comemoração dos quinhentos anos da descoberta do Brasil.

Antes de prosseguirmos, um parêntese: enquanto na América Espanhola fala-se de conquista, com ênfase no genocídio praticado pelos invasores, no Brasil fala-se até hoje nas escolas de ensino fundamental e médio em descoberta ou descobrimento. Se tanto, os professores afirmam que a chegada de Pedro Álvares Cabral às nossas costas não foi acidental mas sim premeditada, e acreditam que com isso estão sendo extremamente vanguardistas.

Essa visão idealizada do mundo nos faz lembrar do Romantismo, época em que o índio aparecia na Literatura como um perfeito cavaleiro medieval, bonito, educado, inteligente, protetor de donzelas em perigo e até cristão, e em que a escravidão indígena e a conversão forçada de milhares de indígenas por parte dos jesuítas eram simplesmente ignoradas porque sua cor vermelho-sangue não combinava com o tom rosa pastel que dominava as produções artísticas admiradas na Europa e imitadas no Brasil.

Contrastando com ele, temos o Realismo e o Naturalismo, que denunciam os problemas sociais e procuram mostrar a sociedade e seus indivíduos de forma impiedosamente crítica, com ênfase nos traços negativos, como a inveja, a miséria, a luxúria, a cobiça e a insalubridade. Um exemplo de obra que segue esse estilo é o já mencionado Cortiço, de Aluísio Azevedo.

Ambos encontram até hoje aceitação popular, como se vê no sucesso de personagens idealizadas que se baseiam na bondade e na meiguice, como a cantora Sandy, que interpretou a personagem Cristal em novela de relativo sucesso, concomitantemente à fama repentina de personagens vulgares, como Tiazinha ou Enfermeira, e ao sucesso de programas de humor que enfatizam os problemas enfrentados no dia-a-dia pelos brasileiros, como o humorístico escrachado “Casseta e Planeta Urgente”. Essa aparente contradição—um povo que quer esconder suas falhas mas que ao mesmo tempo se diverte expondo-as—pode ser explicada pela atitude dos brasileiros em relação a si e em relação aos outros.

A imagem que os brasileiros têm de si é idealizada, enquanto que a imagem que têm dos outros é extremamente crítica. Assim, pessoas que na vida real ou na ficção comportam-se de forma elogiável, pelo menos em público, são aclamadas porque o público se identifica com elas, que se tornam então “namoradinhas” ou “namoradinhos” do Brasil. É essa visão que força os autores de novela a incluírem vilões crudelíssimos em suas tramas, para depois puni-los exemplarmente, seguindo a doutrina maniqueísta. Pessoas que se dedicam a tornar públicas as mazelas do país também podem ser aceitas

pela sociedade, desde que centralizem suas críticas contra classes ou grupos com os quais a população não se identifique—em especial os políticos, que por diversos motivos, não despertam a simpatia de quem deveriam representar. Excepcionalmente, autores que critiquem uma determinada classe podem ser admirados por ela mesma, desde que o façam com extrema habilidade, como é o caso de Machado de Assis.

Um exemplo da separação forte entre a imagem que o brasileiro tem de si e a imagem que ele tem dos outros brasileiros torna-se evidente em uma pesquisa veiculada pela revista “Época” em sua edição número cinquenta e três, no clima de festa que antecedeu a comemoração (!) do Descobrimento (!! do Brasil. Essa pesquisa, que consistiu na pergunta “Qual destes dois conceitos melhor descreve o povo brasileiro e o político brasileiro?” (1), já mostra desde o início a característica citada por nós: a separação radical entre o eu e o outro. Em praticamente todos os itens desta pesquisa, as características atribuídas aos brasileiros são diametralmente opostas àquelas que são atribuídas aos políticos. Com raras exceções, as características positivas (trabalhador, criativo, competente etc) foram relacionadas com o povo, enquanto as características negativas foram atribuídas aos políticos. Resta perguntar de onde vêm os políticos que governam os brasileiros.

### Identidade

Infelizmente, nos faltam meios e tempo—além de fugir à proposta deste breve artigo—para realizar uma pesquisa extensa e detalhada que nos permita entender a identidade cultural com mais clareza, porém, através da leitura do material levantado e citado na bibliografia, podemos sugerir que essa atitude, comum ao ser humano em geral—a projeção dos defeitos de uma pessoa para terceiros é um dos temas centrais da psicanálise—mas exacerbada no brasileiro, como mostra em especial a pesquisa, é uma característica marcante no brasileiro e merece mais atenção e estudo por parte dos pesquisadores.

Não pretendemos afirmar categoricamente que o padrão de comportamento evidenciado pela pesquisa e comentado brevemente neste texto seja “a” característica que individualiza o brasileiro em oposição a todos os outros povos, nem que esta sempre tenha sido a atitude do brasileiro para com seus semelhantes. Porém, essa interpretação do comportamento dos indivíduos como chave para a compreensão da sociedade como um todo e de seus produtos nos pareceu interessante e merecedora de comentários, assim como adequada ao livro escolhido—“Triste Fim de Policarpo Quaresma”—já que a maior e mais constante decepção do herói epônimo não é com a infertilidade das terras brasileiras, nem com a rejeição do tupi como língua nacional, nem com a falta de democracia. Sua maior decepção é com o povo, que não faz questão de reter os costumes antigos nem de “preservá-los” da mescla com costumes estrangeiros, não se sente à vontade para modificar a língua que usa e copia o dialeto português nos mínimos detalhes, não se esforça para produzir gêneros agropecuários nem para si mesmo, enfim: com o brasileiro que observa o Brasil de fora e de cima, como se não pertencesse ao Brasil.

### Nota de fim

(1). O resultado desta pesquisa será reproduzido aqui, para uma melhor compreensão dos comentários que se seguirão.

	Brasileiro	Político
Preguiçoso	35%	82%
Trabalhador	62%	15%
Esperto	58%	86%
Trouxa	40%	13%
Honesto	70%	6%
Desonesto	27%	91%

Criativo	76%	63%
Sem imaginação	22%	34%
Incompetente	22%	71%
Competente	76%	27%
Alegre	79%	85%
Triste	20%	11%
Violento	38%	44%
Pacífico	59%	50%
Justo	73%	9%
Injusto	23%	88%
Afetivo	79%	16%
Frio	20%	80%
É de confiança	72%	6%
Não é de confiança	24%	91%
Pessimista	29%	34%
Otimista	69%	61%
Responsável	76%	14%
Irresponsável	22%	82%
Egoísta	28%	87%
Generoso	70%	10%
Democrata	71%	25%
Autoritário	25%	70%
Intolerante	19%	64%
Tolerante	78%	31%
Preparado para o mundo moderno	29%	41%
Despreparado para o mundo moderno	68%	54%
Solidário com os outros	77%	11%
Insensível com os outros	20%	86%

### Referência Bibliográfica

Anotações feitas durante as aulas do professor José Carlos Prioste no curso de Fundamentos da Cultura Literária Brasileira [LEL285], ministrado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante primeiro semestre letivo de 2001.

AZEVEDO, A. O Cortiço. São Paulo: FTD, 1993.

BARRETO, A. H. de L. Triste Fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Klick Editora, 1997.

BOSI, A. "Cultura como tradição". In: NOVAES, A. (org.). Tradição/Cultura. P. 33-58.

\_\_\_\_\_. Pontos e Bordados. Belo Horizonte: UFMG, 1999. P. 248-265.

CÂNDIDO, A. Literatura e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. P. 129-160.

CARVALHO, J. M. A formação das almas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 9-15.

CAVALCANTI, K. "Vida Eterna ao Rei". Revista Terra, dezembro de 1996.

CIPRO NETO, P. Ao Pé da Letra. Rio de Janeiro: EP&A, 2001. P. 93-100.

HOLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. 17ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. P. 3-11.

LEMLE, M. Variação Lingüística e a Metáfora do Computador. Conferência na Academia Brasileira de

Letras, junho de 2000.

MELLO, E. C. de. "À sombra dos coqueirais". In: Folha de São Paulo, 4 de abril de 1999.

NOVAES, F. A. "O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial". In: MOTA, C. G. (org.). Brasil em perspectiva. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

PRADO Jr., C. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1972. P. 19-32.

RESENDE, B. "A Representação do Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto". In: Sobre o Pré-Modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. P. 107-114.

\_\_\_\_\_. Lima Barreto e a República. São Paulo: Revista da USP, 1989. P. 89-94.

SANTIAGO, S. Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. P. 13-24.

Sem autor. Revista Época Online, edição 53 (24/05/99), seção Especial: "Que Brava Gente É Esta?". Disponível no endereço: <http://www.epoca.com.br/edic/ed240599/espec1.htm>.